

ÍNDICE

7 Introdução

Mário Vítor Bastos, Paulo Borges, Nuno Ribeiro

11 A Serpente Midgard e o Espírito da Heterodoxia em Eduardo Lourenço

Paulo Borges

25 Uma Poética da Imagem

Mário Vítor Bastos

41 Revisitando o “proto-Pessoa” de Eduardo Lourenço – Charles Robert Anon precursor de Alexander Search

Nuno Ribeiro

57 Eduardo Lourenço: Pensador de ruturas

Miguel Real

83 Destino e destinação

Silvina Rodrigues Lopes

113 Heterodoxia e modernidade

Carlos Leone

121 Eduardo Lourenço: a heterodoxia como medida do pensar

Bruno Barreiros, Marta Carvalho

145 Morte, tempo e melancolia na poesia e no ensaio:

A leitura de Eduardo Lourenço sobre Pessoa e Montaigne

Douglas Attila Marcelino

167 Sobre os autores

Introdução

MÁRIO VÍTOR BASTOS, PAULO BORGES, NUNO RIBEIRO

Inútil e vão recusar todos os caminhos, porque
a recusa é também um caminho, quem sabe se o
mais fácil de todos os caminhos.

(LOURENÇO, 2021, p. 32)

O presente livro reúne um conjunto de textos em torno do conceito de heterodoxia, assumindo o legado deste desafio a partir de Eduardo Lourenço e equacionando a imensa variedade temática da sua obra em função da presença que nela exerce a força orientadora do Espírito da Heterodoxia.

Durante décadas Eduardo Lourenço criou uma obra complexa com muitas bifurcações por campos e caminhos labirínticos de um pensamento dinâmico e inovador, onde Portugal e a problemática da cultura portuguesa têm grande visibilidade, sempre inscrita no horizonte global do pensamento europeu e da situação contemporânea. São múltiplas as imagens, símbolos e conceitos que acompanham, codificam e sublinham o devir deste pensamento. Um desses conceitos é o de heterodoxia, o qual intitula o primeiro livro de Eduardo Lourenço, de índole predominantemente filosófica e publicado em 1949. Após esta primeira abordagem, o espírito da heterodoxia não mais deixou de acompanhar Eduardo Lourenço, inspirando-lhe trabalhos capazes de atrair tanto especialistas como de chegar a um público mais amplo. Com efeito, num texto de João Tiago Pedroso de Lima intitulado “Heterodoxias ou uma *deserção sem fim*”, que serve de introdução ao livro *Heterodoxias* (LOURENÇO, 2021), correspondente ao primeiro volume das obras completas de Eduardo Lourenço, o editor chama a atenção para as múltiplas acepções que o conceito de heterodoxia foi assumindo no decurso da obra lourençiana:

Não é irrelevante que quase sempre Eduardo Lourenço tenha feito acompanhar de um novo prólogo as sucessivas edições que foi preparando de *Heterodoxia* (mesmo as que nunca chegaram a conhecer a luz do dia...), no qual se propõe repetidamente reflectir sobre o *espírito da heterodoxia*,

expressão que evoca, como outros já o notaram, o título de um livro de Jean Grenier sobre o espírito da... ortodoxia. Não é portanto abusivo falar em várias concepções de heterodoxia em Eduardo Lourenço. (LIMA, 2021, p. 17)

Eduardo Lourenço desenvolveu, assim, a sua visão do mundo, da sociedade e das artes, onde se destaca a reflexão sobre a poesia portuguesa, em autores como Camões, Antero e Pessoa – entre muitos outros –, onde o estabelecido, o pré-concebido e o ortodoxo são questionados. No prólogo à sua primeira obra, *Heterodoxia I*, vê o conceito assumido como título inaugurador do seu projecto de pensamento como simbolizado na serpente Migdar (Midgard), Ouroboros que devora a própria cauda, vislumbrando-a como a unidade dialéctica dos opostos: vida-morte, bem-mal, senhor-servo, virtude-vício, palavra-silêncio. Na sua leitura, a heterodoxia é a “paixão circular da vida por si mesma” (LOURENÇO, 2021, p. 31) no movimento constante de morder e ser mordida, que não se reduz à cabeça que devora e à cauda que é devorada, escapando a todas as ficções da ortodoxia – a certeza de existir um só caminho – e do niilismo, a convicção inversa de não haver caminhos. Lemos a esse respeito o seguinte trecho de Eduardo Lourenço elucidador tanto da relação entre o mito de Migdar (Midgard) e o conceito de heterodoxia, quanto da diferença entre a forma de pensar heterodoxa e os pensamentos ortodoxos e niilistas:

(...) o reconhecimento de Migdar, como essência da realidade, chama-se *Heterodoxia*. Ou, traduzindo o mito, heterodoxia é a convicção de que o real não é apenas a cabeça mordendo sem hesitações, nem a cauda devorada sem resistência, mas o inteiro movimento de morder e ser mordido, a paixão circular da vida por si mesma. O movimento da cabeça, devorando com a certeza de existir um só caminho, pode receber o nome de *Ortodoxia*, assim como a convicção inversa de não existir caminho algum pode designar-se por *Nihilismo*.

Fiel ao símbolo que a representa e à vida que nele se manifesta, a heterodoxia não é o contrário de ortodoxia, nem de niilismo, mas o movimento constante de os pensar a ambos. É o humilde propósito de não aceitar um só caminho pelo simples facto de ele se apresentar a si próprio como único caminho, nem de os recusar a todos só pelo motivo de não sabermos em absoluto qual deles é, na realidade o melhor de todos os caminhos. (LOURENÇO, 2021, p. 31)

Heterodoxos são assim “os eternos descobridores dum terceiro caminho” (LOURENÇO, 2021, p. 33), aqueles que assumem a liberdade latente em todos os humanos e cultivam “a humildade do espírito, o respeito simples em face da divindade inesgotável do verdadeiro” (LOURENÇO, 2021, p. 35). Os textos reunidos nesta edição configuraram-se, desse modo, como exercícios de heterodoxia, isto é, como a exploração dos vários sentidos e do alcance da heterodoxia lourençiana. Encontramos, deste modo, ao longo do presente volume abordagens filosóficas (Paulo Borges, Carlos Leone), artísticas/pictóricas (Mário Vítor Bastos), literárias (Nuno Ribeiro, Silvina Rodrigues Lopes, Douglas Attila Marcelino) e ainda perspectivas que cruzam o filosófico e o literário (Miguel Real, Bruno Barreiros & Marta Carvalho) em torno do conceito de heterodoxia.

Esperamos que os textos reunidos neste livro possam abrir novos caminhos para se pensar e repensar com e a partir de Eduardo Lourenço as múltiplas dimensões do espírito da heterodoxia, pondo, desse modo, em evidência o alcance filosófico, artístico e literário da escrita ensaística desse pensador da cultura portuguesa.

Bibliografia

- LIMA, João Tiago Pedroso de (2021). “Heterodoxias ou uma *deserção sem fim*”. In: Eduardo Lourenço. *Heterodoxias*. Obras completas de Eduardo Lourenço XI. Coordenação, Introdução e Notas de João Tiago Pedroso de Lima. 3^a Edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- LOURENÇO, Eduardo (2021). *Heterodoxias*. Coordenação, Introdução e Notas de João Tiago Pedroso de Lima. 3^a Edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

A Serpente Midgard e o Espírito da Heterodoxia em Eduardo Lourenço

PAULO BORGES

(Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa /
Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa)

O nosso objectivo é interpretar e reflectir sobre o sentido que Eduardo Lourenço confere ao “espírito de heterodoxia” ao qual dedicou três sucessivos prólogos, o do seu primeiro livro, *Heterodoxia I* (1949), o prólogo não publicado de 1960 a *Heterodoxia II* e, por fim, o de 1966 ao mesmo livro, saído em 1967. Visamos neste tema e nestes textos sondar e compreender as raízes do pensamento do autor e o fundo genesíaco do seu posterior desenvolvimento metamórfico, à luz da sua opção por uma figura mitológica tradicional.

Consideramos muito significativo, com um sentido por desvendar, que Eduardo Lourenço tenha iniciado o primeiro prólogo do seu livro de estreia com uma reflexão sobre o “velho mito germânico de Migdar [Midgard], a serpente que morde em círculo a própria cauda”, considerando-o “um símbolo de sugestões perpétuas” com vários significados possíveis: “imagem da vida como um todo que solicitou, no seu seio, a necessidade mesma da morte”; figura da “cadeia inelutável” que conserva, interiormente unificada, “a sucessão temporal das coisas e dos pensamentos”; “dialéctica viva” que suscita em simultâneo “bem” e “mal”, “senhor” e “servo”; “parábola permanente” da condição terrena onde a positividade e a negatividade moral se interconstituem, sendo “o vício vicioso pela virtude dos virtuosos”; e, finalmente, descrição exacta do “mundo das palavras” como “universo sonoro que vive do silêncio donde emerge ou das palavras contrárias que repudia” (LOURENÇO, 2012, p. 31). Para o pensador, “tudo isso é Migdar e o reconhecimento de Migdar, como essência da realidade, chama-se *Heterodoxia*”. Numa tradução do mito e da sua figura central, “heterodoxia” seria a “convicção” do “real” não ser apenas a cabeça que morde “sem hesitações”, nem a cauda “devorada sem resistência”, mas antes “o inteiro movimento de morder e ser mordido, a paixão circular da vida por si mesma”. Enquanto o dinamismo da cabeça,

“devorando com a certeza de existir um só caminho”, poderia designar-se como “*Ortodoxia*”, a “convicção inversa de não existir caminho algum” poderia nomear-se como “*Nihilismo*”, sendo a “heterodoxia” não o contrário de um nem do outro, “mas o movimento constante de os pensar a ambos”. A heterodoxia seria um terceiro termo alternativo, fundado no propósito de não aceitar “um só caminho” por ele se apresentar como o único e de não recusar todos os caminhos por não sabermos, em absoluto, qual deles é o melhor (LOURENÇO, 2012, p. 31).

Na mitologia nórdica, narrada nos *Eddas*, Midgard, que etimologicamente significa “terreiro” ou “recinto do meio”, designa a Terra, equivalente do “mundo”, cuja etimologia anglo-germânica sugere ser o lugar habitado pelos humanos. Na antiga mitologia escandinava, os deuses matam Ymir e criam o mundo com as diversas partes do seu corpo. Ymir é o gigante hermafrodita e o primeiro ser que surge a partir de Ginnungagap, o imenso abismo do vazio ou caos primordial do qual tudo emerge no início de um ciclo cósmico e no qual tudo se reabsorve no seu fim, para a partir daí reemergir de novo após uma reincubação intemporal (CAMPBELL, 2008, pp. 243-244). Ainda segundo os *Eddas*, *Midgard*, a Terra intermédia, será destruída em Ragnarök, a batalha do fim do mundo, que significa o “crepúsculo” ou “destino final dos deuses”, tema inspirador da ópera de Wagner com esse título (*Götterdämmerung*) e do livro de Nietzsche com um título semelhante: *Götzen-Dämmerung, O Crepúsculo dos Ídolos*. Jörmungandr, a serpente do oceano cósmico que envolve o mundo, também designada como a serpente Midgard, envenenará a terra e o mar e, na batalha final, quase toda a vida será destruída. Yggdrasil, o freixo cósmico – o *axis mundi* ou Árvore da Vida que ressurge na Árvore de Natal (BENOIST, 1997, pp. 37-53; APREMONT, 2000, pp. 106-108) – , cujas raízes se representam a ser roídas pela referida serpente, tremerá. A terra afundar-se-á no mar para dele reemergir, de novo verde e fértil, no início do novo ciclo (CAMPBELL, 2008, pp. 324-326).

Na nossa leitura, a mitologia escandinava, a par de outras narrativas míticas afins, indica: 1) que a vida individuada, tal como a conhecemos e experienciamos, procede de um sacrifício que a torna possível, a morte e desmembramento de uma vida una mais ampla e original, primeira emanção do ilimitado e indiferenciado primordial: Ymir, o gigante hermafrodita, vindo de Ginnungagap, o vazio ou imensa abertura sem

contornos, o fundo sem fundo de tudo, afim ao sentido do sânscrito *kha* e do grego *kháos* (*gap* vem do Proto-Indo-Europeu *ǵʰeh –, com o mesmo sentido de um imenso espaço vazio); 2) a fundamental insubstancialidade, instabilidade, impermanência e conflitualidade ontológicas de toda a estrutura e ordem *caósmica* (para usar o neologismo criado por James Joyce em *Finnegans Wake* (JOYCE, 2012)) e com ela das dimensões e mundos da realidade manifestada e diferenciada em formas e entes delimitados e individuados, ou seja, de tudo o que não é o abismo informe e vazio do caos primordial, embora nele e a partir dele se gere e constitua. Aquilo que, como o *ōkeanos* de Homero (HOMÈRE, 1965, p. 242), circunda o cosmos e os mundos nele contidos, a serpente Jörmungandr ou Midgard, figura que ambiguamente distingue e mescla o caos e o cosmos, é simultaneamente o que engloba, delimita e constitui o existente e os existentes, distinguindo-os do infinito sem forma, e o que os corrói internamente, nas raízes do próprio mundo, as do seu eixo cósmico, a árvore Yggdrasil. Personificando a *coincidentia oppositorum* e a união tensional entre caos e cosmos, a serpente Midgard, ao devorar a realidade que constitui, devora-se na verdade a si mesma, numa figura afim à serpente ou dragão Uroboros, oriunda da iconografia do antigo Egípto e presente na tradição mágica grega, sendo adoptada como símbolo polissémico na tradição gnóstica, hermética e alquímica, antes de ser assumida pela psicologia transpessoal como figura da consciência primitiva (NEUMANN, 1995, pp. 25-46; WILBER, 1983, pp. 21-36; WILBER, 1996, pp. 9-11). No mito escandinavo, a serpente Midgard figura a erosão, autodevoração, conflito e metamorfose inerentes ao mundo e a todas as formas de vida e existência diferenciada e individualizada que o constituem, podendo ser relacionada com a Roda do Samsāra, que figura em várias escolas de filosofia indiana a autorreprodução da vida cíclica, condicionada pela ilusão mental e pelas propensões kármicas. A autodevoração da serpente pode simbolizar o processo interno de dissolução das formas da existência, da vida e do mundo no regresso ao vazio abissal no e a partir do qual se originam e que permanece no seu íntimo como a essência infinita e incondicionada que não deixa de a si as atrair, no movimento interno que para si as remove e em si as reabsorve. No muito fecundo dizer de Eduardo Lourenço, esta seria “a paixão circular da vida por si mesma” (LOURENÇO, 2012, p. 31), que podemos entender como a dupla paixão

da vida incondicionada por reintegrar em si a vida condicionada e a desta por se reintegrar na primeira, no intemporal, mas dinâmico e metamórfico cumprimento do anel *caósmico*. Midgard pode simbolizar o dinamismo metamórfico da união paradoxal entre vazio e forma e ausência e presença que é inerente a toda a realidade, como na união dos opositos que o budismo indiano designa como *śunya-rupa* (vazio-forma) (*Soûtra du Diamant*, 2001, p. 88), a tradição taoísta chinesa como *wu-yu* (ausência-presença) (TZU, 2013, p.35) e a *Gestalt* ocidental como *fundo-figura*.

Regressando a Eduardo Lourenço, podemos dizer que algumas das “sugestões perpétuas” que, como vimos, encontrou no símbolo da serpente Midgard foram as da *coincidentia oppositorum* ou da harmonia trágica dos opositos em Heraclito (HÉRACLITE, 1987, p. 425), seja a vida como totalidade que instaura em si a necessidade da morte, seja a dialéctica que unifica os contrários pela sua própria oposição, seja a emergência da linguagem num fundo de silêncio. Isto é Midgard e reconhecê-lo como “essência da realidade” é a “*Heterodoxia*”, ou seja, a assunção de que o real não se pode reduzir apenas à cabeça que devora ou à cauda que é devorada, à afirmação ou à negação, ao positivo ou ao negativo, à vida ou à morte, sendo antes a sua união inseparável, no movimento de autocriação e autodestruição que designa como “a paixão circular da vida por si mesma” (LOURENÇO, 2102, p. 31).

Sendo a realidade paradoxal e antinomicamente constituída, a heterodoxia evade-se da falsa alternativa entre o caminho único das ortodoxias e a recusa de todos os caminhos dos niilismos no “movimento constante de os pensar a ambos” (LOURENÇO, 2012, p. 31) que a ambos igualmente transcende, o que implica, simultaneamente, trocar todos os compromissos, confortos e convenções “pela loucura invisível da Verdade”. Isto é uma forma de “trazer a guerra” a um mundo humano que anseia profundamente a “paz” que as ortodoxias oferecem, em conformidade com o que Espinosa chama *conatus*, a aspiração de cada ser a “ser ele mesmo” e “perseverar no seu ser” (LOURENÇO, 2012, p. 32), que vemos como afim à “raiva de persistir” dos entes perante o ímpeto da sua reabsorção vindo do *apeiron*, o ilimitado originário, na leitura heideggeriana de Anaximandro (HEIDEGGER, 1986, p. 433). Esta violação, pelo ímpeto heterodoxo, do desejo humano de persistência e estabilidade, é também uma forma de trair o mandamento que define o humano como humano,

“a obrigação de aderir às evidências” por si descobertas (LOURENÇO, 2012, pp. 32-33). Constatando que a vida dos indivíduos e dos grupos individualizados é fundamentalmente um acto de auto-afirmação e instauração de um ritmo interno, ao qual desobedecer é perecer, Eduardo Lourenço constata que a vantagem parece estar do lado da “ideia de ortodoxia”, questiona se a “essência da *individualidade*” não será “ortodoxia, caminho direito” e se “será possível *uma situação humana realmente heterodoxa?*” (LOURENÇO, 2012, p. 33). Recusando-se à necessidade de escolher entre ortodoxias distintas, os “heterodoxos absolutos”, enquanto “eternos descobridores dum terceiro caminho”, devem, pois, aos olhos dos ortodoxos de todos os quadrantes, “ser destruídos quando o combate chegar” (LOURENÇO, 2012, p.33), pois ameaçam, poderíamos notar, o instinto gregário de auto-conservação que em geral preside à adaptação evolutiva dos grupos e da própria espécie humana.

A heterodoxia, no primeiro prólogo, de 1949, é uma atitude de espírito aberto, que, segundo Lourenço, assume a declaração aristotélica de que ninguém pode alcançar ou falhar completamente a verdade e recusa a todos os humanos o direito de falarem em nome do divino sem assumirem que o fazem em nome da fé e não da mera “razão humana”, considerada como “a única medida da verdade que a vida nos concede” (LOURENÇO, 2012, p. 34). Em última instância, a heterodoxia não seria senão “a obrigação de suportar a liberdade humana”, o que faria de todos os humanos, no mais fundo de si mesmos, “heterodoxos” (LOURENÇO, 2012, p. 34). A par disso, a heterodoxia seria “a consciência absoluta da pluralidade histórica das ortodoxias” (LOURENÇO, 2012, p. 34).

Mais importante, contudo, é a conclusão do prólogo quando Eduardo Lourenço questiona se o desejo heterodoxo de conciliação ou de superação “não corresponde à tentativa demoníaca de confundir a sombra com a luz, o mal com o bem, o crime com a justiça”. Negando que assim seja, afirma que no símbolo por si escolhido – a serpente Midgard – distingue “muito bem” a “cabeça” da “cauda”, embora sem deixar de ver na própria serpente a “realidade originária” donde esses “pares de palavras tão caras ao equilíbrio humano recebem tudo o que as separa e tudo o que inevitavelmente une” (LOURENÇO, 2012, pp. 34-35). Recordando a formulação do “espírito”, na *Teoria do Ser e da Verdade*, de José Marinho, como o que simultaneamente une e cinde (MARINHO, 2009, pp. 49 e

113), Eduardo Lourenço considera que o intervalo absoluto ou irreduzível “que separa a sombra da luz” e “o mal do bem” permite, respectivamente, “ver” e que “haja valores no mundo”. Se “isso é excelente”, é, todavia, ainda relativo a uma visão limitada, sendo possível uma outra na qual aquela primeira e aparente irreduzibilidade e separação absoluta entre os opostos afinal se transcende e relativiza. Essa é a dos que, “isentos e lúcidos, levantam os véus de Ísis e, puros, fixam os olhos no seu sexo materno”. A esses “a nudez abandonada da deusa” sugere “outra coisa”, outro “mistério”: precisamente a visão de que “no centro do mundo as pontas de Migdar mordem-se eternamente”. É isto que o pensador equipara à “visão do Absoluto como luta, da Razão como razão e irrazão” e à impossibilidade de se separar definitivamente “o amor ilimitado ao Cristo da piedade ilimitada por Judas”. É esta consciência que se determina como *“Heterodoxia”* (LOURENÇO, 2012, p. 35), concluindo o autor por defini-la como “a humildade do espírito, o respeito simples em face da divindade inesgotável do verdadeiro”, que dissiparia a ilusão de tudo poder ser ou inundado de luz, o que impediria ver, ou reduzido a uma unidade homogénea, sempre sacrificadora das diferenças. O respeito pela “divisão” da realidade humana, no conhecer e no agir, na filosofia e na política, seria a *“Heterodoxia”* (LOURENÇO, 2012, p. 35).

O pensador move-se entre níveis distintos do tema e da questão, ora mais profundos, ora mais superficiais, transitando sem o tematizar do plano metafísico e ontológico para o gnosiológico, o ético, o existencial e o político. Focando-nos no primeiro, recordamos que, para interpretar e dialogar com a nova, poderosa e fecundíssima figura mítica aqui invocada – a do véu de Ísis (note-se este diálogo constante entre filosofia e mito na génesis do pensamento de Eduardo Lourenço) –, esta divindade foi na tradição antiga, egípcia, grega e latina, assimilada à Natureza/*Physis* primordial. Na inscrição da sua estátua presente na antiga cidade egípcia de Saüs, reportada por Plutarco e Proclo, ela mesma proclama: “Eu sou tudo o que foi, o que é e o que será” (HADOT, 2004, pp. 267-268). Aqueles que, no dizer de Lourenço, “isentos e lúcidos”, levantam os véus que a encobrem “e, puros, fixam os olhos no seu sexo materno”, são os sujeitos da gnose heterodoxa que acedem a “outra coisa”, ao “mistério” da sua “nudez abandonada”, vendo e nutrindo-se precisamente daquilo que os humanos em geral menos suportam, na sua vida convencional

inconscientemente dividida entre os aparentes opositos ontológicos, gnosiológicos, ético-morais e políticos: ser/não-ser, verdadeiro/falso, bem/mal, justiça/injustiça. O “mistério” patente no “sexo materno” da deusa, uma vez desvelado e exposto, é que, “no centro do mundo”, a cabeça e a cauda da serpente são simultaneamente idênticas e diferentes e que toda a vida procede desse, e consiste nesse, autodevorar-se sem possibilidade de resolução que não seja a extinção da possibilidade da própria vida, a qual consiste, ao modo de Heraclito, na harmonia tensional – simultaneamente trágica e meta-trágica – dos opositos, conforme atrás referimos.

Dialogando ainda com este tema, recordemos que, no material para o ensaio inacabado *Os discípulos em Saïs*, Novalis relata que alguém levantou o véu da deusa e “viu – maravilha das maravilhas! – a si mesmo” (NOVALIS, 1947, p. 256). A visão dos “isentos”, “lúcidos” e “puros” que, como diz Eduardo Lourenço, “fixam os olhos” no “sexo materno” da deusa, é porventura a instância suprema do que os gregos chamaram *a-létheia*, des-velamento, não-velamento (cf. HEIDEGGER, 1987, pp. 143-147), que se perdeu na tradução latina por *veritas* e na conceptualização da verdade como adequação do intelecto à realidade, pois a *a-létheia*, no levantar dos véus da deusa, no seu desnudamento e des-encobrimento, não é um discurso ou fórmula doutrinal sobre uma realidade objectual externa, mas antes a experiência maravilhosa, tremenda e fascinante, terrível e sublime, da súbita coincidência de si com o matricial fundo sem fundo de tudo. Fixar os olhos no sexo materno da deusa pode ser o incesto místico pelo qual o indivíduo penetra e se reabsorve na sua essência caótica e divina, sentindo-se e vendo-se precisamente isso que, quem fica de fora dessa experiência, atribui apenas à deusa: “Eu sou tudo o que foi, o que é e o que será” (HADOT, 2004, pp. 267-268). Não sabemos se esta experiência, que recorda o *tat tvam asi* (“tu és isso”) do *Chandogya-Upanishad*, quando um pai desperta abruptamente o filho para a coincidência da sua essência individual (*ātman*) com a essência incondicionada de todo o cosmos (*Brahman*) (JONES, 2014, p. 78), será afim ao que Eduardo Lourenço refere quando define a heterodoxia como o “respeito simples em face da divindade inesgotável do verdadeiro” (LOURENÇO, 2012, p. 35), mas é incontornável que o “espírito da heterodoxia” assume aqui uma dimensão gnósica e gnóstica que o leva e eleva para além dos limites em que quase sempre é considerado.

O pensamento de Eduardo Lourenço abre-se também aqui a uma dimensão apofática e mística que não deixará de o acompanhar, como tivemos oportunidade de notar na sua visão da saudade em relação com a experiência poética do instante (BORGES, 2019, pp. 241-254). Desde o início, ainda no prólogo de 1949 a *Heterodoxia I*, o pensador vê a serpente Midgard como símbolo de como o “mundo das palavras [...] vive do silêncio donde emerge ou das palavras contrárias que repudia” (LOURENÇO, 2012, p. 31). No segundo prólogo, de 1966, a *Heterodoxia II* (1967), onde procede à autocritica da inicial atitude heterodoxa, confessa que “recusar a verdade dos outros ou o espírito com que eles a vivem não é o mesmo que encontrar a sua”, mas “apenas ficar nu”, o que não é trágico, pois “a única tragédia, que é sempre ilusão, é estar nu e supor-se vestido”, assumindo ser essa a trágica ilusão da qual vivia o “mais claro” do seu primeiro livro (LOURENÇO, 2012, pp. 198-199). Mas é no primeiro prólogo, de 1960, à edição de *Heterodoxia II*, projectada para 1961 na Coimbra Editora e que não chegou a ser publicada, que o autor expressa a metamorfose do seu pensamento no sentido de uma “espiritualidade concreta” cujos contornos lhe surgem agora mais nítidos do que no seu primeiro livro. Considerando que nesse livro a heterodoxia é sobretudo definida por “recusas”, ou, antes, pela única “recusa de vender a alma em troca de verdades menores”, afirma que ainda conserva isso, mas recusando o anterior “medo pânico de nos perder, senão numa verdade maior, ao menos na ideia e na presença da Verdade mesma”. A par disto, considera que no primeiro prólogo interpretou de “forma contestável” a afirmação de São João de que “ninguém jamais viu Deus” e anuncia um “aprofundamento da ideia de Verdade” que lhe impõe “uma outra visão da liberdade”, patente na primeira epígrafe de *Heterodoxia II*, do mesmo São João: “A verdade vos tornará livres” (cf. João 8: 32) (LOURENÇO, 2012, pp. 217-218).

Um vislumbre do sentido desta Verdade é-nos oferecido na continuada confissão de que o autor de *Heterodoxia I* sacrificou demasiado ao “indivíduo” em si e aos “fantasmas da subjectividade que a fascinação individualista segregava”, tendo a “metamorfose pessoal”, uma mais profunda e variada “experiência dos outros” e a “meditação pura” contribuído para o actual aumento da consciência de que “importa apenas o homem que coabita em todos os homens e, dentro dele, o que não tem nome, por ser

tão comum que se tornou invisível e inaudível”. Destacamos este centramento no que há de universal no humano e no que nele “não tem nome” como clara marca da espiritualidade apofática para a qual se orienta. À luz da mesma “espiritualidade concreta” em que se empenha, proclama que pouco lhe importa a discordância narcisista e que combate “para um acordo e não para a discórdia”, explicitando esse acordo como “uma paz perpétua do homem a cada instante traída pela miséria própria e alheia”. Esse “combate unitivo” é agora por “uma só coisa”, superada a fase anterior apostada “em recusar os “necessários únicos” que a vida degradada das ortodoxias substitui ao “único necessário”. Emerge aqui a ideia de uma “fidelidade heterodoxa” cujo “conteúdo vivo” é “o culto silencioso da Unidade” permanentemente traída “pelas constelações geradas na discordância comum dos homens” e, mais além, na “alienação histórica” que é a raiz dos seus “malefícios extremos”. Esse “culto silencioso” procede da “restauração na luz dessa Unidade, jamais ausente, mas continuamente ofuscada” (LOURENÇO, 2012, p. 219).

Eduardo Lourenço assume que “a mudança, ou progresso”, nas suas perspectivas sobre a Europa, a realidade portuguesa e outros temas, é “intimamente solidária” da sua concepção “da Heterodoxia como Verdade”. O que em *Heterodoxia I* é sobretudo concebido “sob a categoria do incognoscível, senão inexistente”, é em *Heterodoxia II* pensado “sob a categoria do Ausente” (LOURENÇO, 2012, p. 224) (um ausente na verdade “jamas ausente”, como a referida “Unidade”, sendo antes uma presença “ofuscada”). Se no primeiro livro a exigência romântica da “Liberdade” influiu “na ideia de Verdade” como “lugar vazio” e “espaço inteligível” justificativo “da contradição e da divisão”, o pensador reconhece agora que absolutizou as duas como “coisas em si”, a elas sacrificando o “impensável Absoluto” enquanto “fonte envenenada do Sistema e das Ortodoxias”. Vê agora que isso foi “inverter a questão” e propor “uma espécie de nihilismo sob a forma do culto da liberdade”, que considera muito distante do novo “ideal de espiritualidade concreta”. Se no primeiro livro a noção de “Espírito” é preferencialmente a do “que sempre nega”, na expressão de Goethe retomada pelo autor, e se isso leva a definir a liberdade como “recusa”, como via de rejeitar a objectivação do “Espírito” como “Coisa” nos “dogmatismos e ideologias”, essa recusa mantém-se, mas num novo sentido, em que a “heterodoxia”, “exigência suprema do coração e da

inteligência”, não se reduz à “afirmação de uma vivência ontológica”, enquanto “intervalo irredutível entre nós e a Verdade que nos falta”, pois, “Se é certo que a Verdade nos falta, mais certo é ainda que somos nós quem falta à Verdade” (LOURENÇO, 2012, p. 224).

O pensador assume situar-se aqui o ponto de “metamorfose” das suas ideias anteriores de “heterodoxia” e “liberdade”. Se inicialmente pensara que só a “demolição da ideia de Verdade” era compatível com a “Liberdade” da existência humana, fazendo o “processo da Verdade” ou das “relações comuns dos homens” com ela, adverte agora que o “único processo” existente é o que a “Realidade [...] instaura pela sua universal presença”. Esta “Realidade”, com maiúscula, é idêntica à “presença eternamente ausente” da “Verdade”, não como fórmula doutrinal, mas como “a experiência de fogo onde um espírito heterodoxo queima a inteligência e as mãos”. O que agora rejeita nas ortodoxias não é assim a “convicção de uma universal presença da Verdade”, mas a “facilidade” com que a pretendem “manejar”, pois, “supondo definir o homem no horizonte da Verdade”, é esta que a ortodoxia, ou o seu “rebaixamento”, “define no horizonte do homem”. Reduzindo ao humano a Verdade/Realidade trans-humana, “a ortodoxia é, no fundo, pura Antropologia”, “salvo nos seus místicos” (LOURENÇO, 2012, pp. 224-225).

Esta excepção da mística aos reducionismos antropocêntricos das ortodoxias assinala claramente a nova direcção em que assumidamente se move agora o pensamento de Eduardo Lourenço, a nosso ver já seminalmente presente na escolha inicial do tema mítico da serpente Midgard, que vem devolver o humano e o seu mundo ao vazio caótico/caósmico de onde emergiu. Demarcando-se do espírito prometeico, Lourenço dá-se conta que “a suprema audácia de todos os ladrões de fogo deixa intacta a indestrutível e substancial ausência de nós a nós mesmos” e que, nas mais sublimes antropologias, como a da própria *Suma Teológica* de São Tomás de Aquino, “é o nosso Nada quem se multiplica para se sentar no lugar vazio da Verdade” (LOURENÇO, 2012, p. 225) (haveria que relacionar esta intuição com o tema do espaço aberto ou “vazio infinito” desvelado pela “morte de Deus”, na *Gaia Ciência* (NIETZSCHE, 1977, pp. 143-144)). Evocando a conhecida desistência de São Tomás concluir a *Suma Teológica* após um longo êxtase durante uma celebração eucarística, declarando que a partir daí tudo o que escrevera era como “palha”,

Eduardo Lourenço comenta que o dominicano distinguiu a “palha” luminosa dos seus silogismos” do “grão celeste” por eles circunscrito, mas deixado “intacto” (LOURENÇO, 2012, p. 225).

É a esta luz, da dimensão apofática e mística da experiência (trans-) humana da Verdade, que o pensador denuncia agora a «falsa-heterodoxia» de quem, «sob o manto do «progressismo», do «racionalismo», do «humanismo»», cultiva apenas «orgulho intelectual» e «dogmatismo sem fendas». Isto articula-se com a confissão de haver encontrado no «pólo oposto» do racionalismo oficial o «espírito» que nele «frouxamente brilha», pois a «grande divisão humana, moral e mental», é entre os que sacrificam à «imagem» reflectida no rio, e que é a de si mesmos, e aqueles que “atendem à lição anónima e contínua da fundura sem margens”, “suprema fidelidade” que se encontra em raros no seio de todas as orientações, ortodoxias e “ismos” possíveis, por contraste com o “maior número” que oficia “a mais comum das missas: a do narcisismo” (LOURENÇO, 2012, p. 226).

Eduardo Lourenço conclui o prólogo anunciando que uma “decantação” terá gradualmente lugar, por via da “despossessão de si” que sempre separará os “inconformados”, “aqueles que o destino marca com a cruz da dificuldade humana”, dos meramente “inconformistas”, que vê como meros “profissionais da sua verdade”. É à luz deste critério, apofático-místico, da auto-despossessão – com ampla presença nas tradições espirituais da humanidade, recordando mais proximamente o *“heauton ekenosen”*, o esvaziar-se a si mesmo de Cristo na epístola de São Paulo (*Filipenses 2: 7*) – , que o pensador opera a distinção crucial entre os “intelectuais”, que concebem facilmente a sua necessidade, mas menos o preço a pagar por ela, e os “espirituais”, os únicos que aceitam o que os primeiros não toleram: “abdiciar da sua verdade e da ilusão de a oferecer a *um* público». O que o «espírito de Heterodoxia» exige e impõe é o oposto: que, em vez de nos acrescentarmos à Verdade com a nossa verdade, «nos descontemos» a ela, considerada tão omnipresente «que o seu excesso nos entenebrece». Assumindo que «só o que dispensamos nos liberta», Lourenço proclama que trocar esta «Verdade» pelo “Público” é o imperdoável escândalo, o pecado contra o Espírito” referido nos Evangelhos (*Marcos 3: 29*). A esta luz, se “só os que escrevem no mais absoluto desnudo [sic] guardam, acaso limpo, o limiar da

Casa”, decerto mais o garantem “os que sabem que a sua palavra não preenche o Silêncio que a solicita” (LOURENÇO, 2012, p. 227).

Parece óbvio que todo este pensamento e linguagem, e, mais decisivamente, a experiência de auto-remoção que refere, se inscrevem, não já tanto ou apenas na tradição filosófica, mas sobretudo na grande tradição espiritual, apofática e mística da humanidade (FRANKE, 2007). Não o podemos aqui explicitar e desenvolver, mas destacamos que, a par de se enraizar na reflexão sobre a figura arquetípica da serpente Midgard, enquanto irrupção do informe primordial no seio das formas nele originadas, esta orientação do pensamento de Eduardo Lourenço abre uma via para o profundo repensar do sentido global da sua obra à luz deste fascínio seminal pela Verdade que convoca ao grande Silêncio, no qual assume a marca do verdadeiro “espírito da heterodoxia”.

Bibliografia

- APREMONT, Arnaut d’ (2000). *Pai Natal*. Tradução de Ana Nereu. Lisboa: Hugin Editores.
- BENOIST, Alain de (1997). *Festejar o Natal. Lendas e tradições*. Lisboa: Hugin Editores.
- Bíblia. Volume I. Novo Testamento. Os Quatro Evangelhos* (2016). Tradução do texto grego, apresentação e notas por Frederico Lourenço. Lisboa: Quetzal Editores.
- Bíblia. Volume II. Novo Testamento. Apóstolos. Epístolas. Apocalipse* (2017). Tradução do texto grego, apresentação e notas por Frederico Lourenço. Lisboa: Quetzal Editores.
- BORGES, Paulo (2019). *Presença Ausente. A Saudade na Cultura e no Pensamento Portugueses. Nova Teoria da Saudade*. Lisboa: Âncora Editora.
- CAMPBELL, Joseph (2008). *The Hero with a Thousand Faces*. Novato: New World Library.
- FRANKE, William (2007). *On What Cannot Be Said. Apophatic Discourses in Philosophy, Religion, Literature, and the Arts. Volume 1. Classic Formulations*. Notre Dame: University of Notre Dame Press.
- FRANKE, William (2007). *On What Cannot Be Said. Apophatic Discourses in Philosophy, Religion, Literature, and the Arts. Volume 2. Modern and Contemporary Transformations*. Notre Dame: University of Notre Dame Press.
- HADOT, Pierre (2004). *Le Voile d’Isis. Essai sur l’histoire de l’idée de Nature*. Paris: Gallimard.

- HEIDEGGER, Martin (1986). *Chemins Qui ne Mènent Nulle Part*. Tradução de Wolfgang Brokmeier. Paris: Gallimard.
- HEIDEGGER, Martin (1987). *Questions II*. Paris: Gallimard.
- HÉRACLITE (1987). *Fragments*. Texto estabelecido, traduzido, comentado por Marcel Conche. Paris: Presses Universitaires de France.
- HOMÈRE (1965). *L'Iliade*. Tradução, introdução e notas de Eugène Lasserre. Paris: Garnier Frères – Flammarion.
- JONES, Richard H. (2014). *Early Indian Philosophy. Selections of the Vedas and Upanishads translated into plain English with notes and essays*. New York: Jackson Square Books.
- JOYCE, James (2012). *Finnegans Wake*. Standsted: Wordsworth.
- LOURENÇO, Eduardo (2012). *Obras Completas. I. Heterodoxias*. Coordenação, introdução e notas de João Tiago Pedroso de Lima. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- MARINHO, José (2009). *Teoria do Ser e da Verdade. I*. Edição de Jorge Croce Rivera. Lisboa. Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- NEUMANN, Erich (1995). *História da Origem da Consciência*. Tradução de Margit Martincic com a colaboração de Daniel Camarinha da Silva e Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Editora Cultrix.
- NIETZSCHE, Frederico (1977). *A Gaia Ciência*. Lisboa: Guimarães e Cª Editores.
- NOVALIS (1947). *Petits Écrits (Kleine Schriften)*. Paris: Aubier, Éditions Montaigne.
- Soûtra du Diamant et autres soûtras de la Voie médiane* (2001). Traduções do tibetano por Philippe Cornu, do chinês e do sânscrito por Patrick Carré. Paris: Fayard.
- TZU, Lao (2013). *Tao Te Ching*, in *The Four Chinese Classics*. Traduzidos e comentados por David Hinton. Berkeley: Counterpoint.
- WILBER, Ken (1983). *Up from Eden. A transpersonal view of human evolution*. London: Routledge & Kegan Paul.
- WILBER, Ken (1996). *The Atman Project. A transpersonal view of human development*. Wheaton: Quest Books.